**Paul Valéry na *École Normale*[[1]](#footnote-1)\***

Devemos pensar nos internatos da era de Metternich (*Vormärz*),[[2]](#footnote-2) no sul da Alemanha, para termos uma ideia dos espaços sóbrios da *École Normale*. Napoleão fundou esse Instituto para uma elite, a fim de lhe garantir toda liberdade e independência material em seus estudos. Nessa escola, em 1911, Norbert von Hellingrath, o inesquecível editor de Hölderlin, falecido ainda jovem, foi professor de alemão, que também assegurou ali o lugar da língua alemã. Seu bibliotecário recém falecido, Lucien Herr, tradutor da correspondência entre Goethe e Schiller, foi um dos melhores especialistas do movimento intelectual alemão. Grande parte dos cientistas franceses surgiu dessa escola. Pasteur, Taine, Fustel de Coulanges e muitos outros estão gravados no painel de honra de um “salão nobre”. A gravura de ouro acima dele é o único adorno do pequeno, escuro e baixo recinto. Lá, Valéry ocupa a tribuna por meia hora.

Lento, muito discretamente, ele caminha até ela. Uma vontade arquitetônica envolveu este corpo, seu gesto está para o bailarino como o som de seus versos para a música, e a elegância dá a aparição mil facetas geométricas. Imediatamente uma contradição impressiona e fascina: por mais brilhante que seja essa face bem cultivada e rigorosa, o porte espiritualmente pleno da figura que envelhece é ainda capaz de impactar as pessoas, mesmo que olhar e voz recusam-se-lhe. O olhar é aguçado como um caçador; mira, porém, ctonicamente desviado, enviesado para baixo e para dentro. A voz soando com precisão, mas audível apenas em conjuntos. Ela exige, para ser ouvida, adivinhação, como um texto para ser compreendido. Nem mesmo a fama, a idade e a sabedoria, ela põe na balança, “para influenciar na orientação” dos 60 ou 70 jovens. Valéry, a quem algo canônico do “poeta”, que ainda hoje permanece em vigor, foi muito tardiamente como que por si mesmo atribuído, nunca o procurou conquistar através de “posicionamentos” em relação aos assuntos de seu povo, por um gesto de líder. Ele – que recentemente tornou-se um dos “Imortais” – não faz isso nem mesmo hoje. E por mais que ele busque, com precisão, distinguir-se do simbolismo – o rigor de Mallarmé, quando não a ousadia, continua vivo nele. Por isso, também o tom crítico de fundo é tão significativo, rompendo de vez em quando, ao contar de memória, a grande época do simbolismo.

Há quarenta anos, a grande preocupação de todos eles chamava-se: música. Literalmente esmagado (“littéralement écrasé”) saía todos os domingos do Concerto Lamoureux no Champs-Elysées, após ter se entregue às grandes *Ouverturen* de Wagner. O que podemos criar que se possa equiparar a elas? Assim ecoava desesperadamente o grande ensaio de Baudelaire sobre Tannhäuser, para uma geração de poetas mais novos. A música possui tons, escala e modo: ela consegue construir. O que é, no entanto, construção na poesia? Quase sempre um simples contornar a estrutura lógica. Os simbolistas procuram reproduzir linguística e foneticamente a construção de sinfonias. E depois que para Mallarmé as obras-primas desse estilo foram bem-sucedidas, ele dá um passo adiante. Recorre à escrita para competir com a música. Então, um dia, ele apresenta para Valéry, como o primeiro leitor, o manuscrito do “coup de dés”. “Veja e diga se estou louco!” (Conhece-se esse livro pela edição póstuma de 1914. Um volume in-quarto de algumas páginas. Aparentemente aleatórias, com distâncias muito consideráveis, palavras estão distribuídas em cambiantes tipos de letras sobre as páginas.) Mallarmé, cuja imersão estrita no meio da construção cristalina de sua literatura certamente tradicionalista viu a verdadeira imagem do que estava por vir, processou aqui pela primeira vez (como um poeta puro) o poder gráfico do anúncio no tipo de letra. Assim, a poesia absoluta no extremo revirou no oposto aparente, o que ela refuta para os moderantistas, para o pensador só confirma. Para Valéry, talvez ainda não completamente: “O dedo provavelmente pode atravessar a chama, mas não viver nela.”

1. \* GS IV (1), p. 479-480. Tradução de Carla Milani Damião. [↑](#footnote-ref-1)
2. O termo *Vormärz* refere-se ao período histórico da Alemanha marcado pelas Revoluções de Março de 1848. Período conhecido como Era de Metternich. [N. E.] [↑](#footnote-ref-2)